

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DE MATERIAL DE APOIO

(Sex education in school: the construction and implementation of support material)

Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira [betinamoreira@unipampa.edu.br]

Vanderlei Folmer [vandfolmer@gmail.com]

Universidade Federal do Pampa

Campus Uruguaiana, BR472, KM592, CEP: 97500-970, Uruguaiana/RS,

Caixa Postal 118

Resumo

Desenvolver a temática da sexualidade na escola, além de ser um desafio para os professores, exige coragem para pensar e abordar um tema delicado em sala de aula e conhecimento técnico. O objetivo deste trabalho é apresentar uma experiência de elaboração e aplicação de uma cartilha sobre sexualidade para ser utilizada como recurso didático na escola, visando servir para iniciar e/ou fortalecer a aproximação entre alunos, professores, pais/responsáveis e profissionais da saúde. Os dados foram coletados a partir de uma ficha de avaliação e analisados pela técnica de análise de conteúdo. A partir das discussões dos resultados, concluímos que este tipo de recurso didático contribui para o desenvolvimento desta temática, esclarecendo dúvidas, auxiliando na introdução e/ou no desenvolvimento de vários temas relacionados à sexualidade na escola, em casa ou no posto de saúde, possibilitando uma maior aproximação e integração dos alunos com os adultos de referência.

Palavras-chave: educação sexual; educação em ciências; material de apoio; temas transversais; ensino fundamental.

Abstract

Developing the theme of sexuality in school, besides being a challenge for teachers, it requires courage to think and to address a sensitive subject in the classroom and technical expertise. The aim of this paper is to present an experience of designing and implementing a primer on sexuality to be used as a teaching resource in schools, aiming to serve to initiate and/or strengthen links between students, teachers, parents/guardians and health professionals. Data were collected from an assessment sheet and analyzed using content analysis. From the discussions of the results, we concluded that this type of teaching resource contributes to the development of this topic, answering questions, assisting in the introduction and/or development of various topics related to sexuality at school, at home or at a health clinic, providing a closer integration of students with reference adults.

Keywords: sex education; science education; support material; cross-cutting themes; elementary school.

Introdução

Desenvolver o tema sexualidade na escola é um grande desafio para os professores, exigindo coragem e conhecimento técnico para abordar este tema delicado na sala de aula.

Mesmo que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, preveja a inclusão da orientação sexual como um dos temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2006a), temos observado dificuldades e resistências no desenvolvimento deste tema junto às escolas.

A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade. A comunicação entre educadores e adolescentes tenderá a se estabelecer com mais facilidade, colaborando para que todo o trabalho pedagógico flua melhor (Brasil, 1998, p. 297).

A sexualidade é a tendência de buscar prazer, sendo uma característica do ser humano, nascemos e morremos com ela, manifestando-se de maneira diferente em cada um e está condicionada pela idade, pelas crises que cada um passa, pela sociedade em que vivemos e pela cultura em que cada indivíduo se desenvolve (Escobar de Fernández, 2008).

A forma como cada um vivencia a sua sexualidade é construída de acordo com as suas experiências e pode ser modificada ao longo da vida. Cada pessoa é um ser humano único no mundo e tem o grande desafio de descobrir a sua própria “essência”, e é a partir da adolescência que esta busca se intensifica.

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizada por intensas mudanças biológicas, psicológicas e sociais, e que normalmente vem acompanhada de insegurança.

A maior parte dos teóricos descreve a adolescência como uma etapa de crise, [...] se operam intensas transformações: crises de identidade, relacionais, familiares, de auto-estima, de falta de sentido para a vida. Esse é um período atravessado por conflitos, dúvidas, inquietações e mal-estar. [...] Existem várias modificações no decorrer do desenvolvimento humano, mas nenhuma tão marcante quanto a adolescência, talvez pelo fato de ser nesse período que o indivíduo busca firmar a afirmar sua identidade não só de adulto, mas também sua identidade sexual (Medeiros & Vitalle, 2008, p. 22).

As questões relacionadas a sexualidade surgem na adolescência com maior intensidade em função da identidade sexual e orientação sexual, pois o adolescente está procurando descobrir-se, o que acaba gerando muitas dúvidas e curiosidades a este respeito. Identidade sexual é diferente de orientação sexual, conforme Abdo (2004, p. 21),

[...] ser homem ou ser mulher, do ponto de vista biológico, significa, *grosso modo*, nascer com pênis ou com vagina, respectivamente. A essa condição biológica somam-se as influências do meio e o desenvolvimento psicológico de cada um(a). Tudo isso conduz a um resultado que se chama “identidade sexual”, ou seja: tendo nascido com determinadas características físicas e sendo reconhecida pelo meio e por si mesma como pertencente ao gênero A, está estabelecida a identidade sexual de uma pessoa (Abdo, 2004, p. 22).

O que define a orientação sexual é a atração e não a prática, pois, conforme Abdo (2004, p. 25), “(...) fazer sexo com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto não é, por si só, determinante de homo ou de heterossexualidade. Por outro lado, sentir-se atraído por pessoa(s) do mesmo sexo ou sexo oposto é indicativo de orientação homo ou heterossexual, respectivamente”.

O adolescente diante de mudanças intensas e conflitos sente-se inseguro, necessitando do acolhimento de um adulto, que inicialmente deveriam ser os pais/responsáveis, podendo ser reforçado pelos professores e profissionais da saúde (médico, enfermeiro e psicólogo), que neste artigo estão sendo chamados de adultos de referência.

Os pais têm demonstrado dificuldade em abordar este assunto com naturalidade, passando esta responsabilidade à escola e aos profissionais da saúde (médico, enfermeiro e psicólogo), que sentem-se despreparados, tendo como consequência um adolescente desassistido, que busca um amparo nos meios de comunicação (TV, internet, revistas, entre outros) e/ou com amigos que muitas vezes estão tão desamparados quanto ele, gerando informações equivocadas e/ou mais dúvidas.

Os pais também vivem um momento delicado, pois vivenciam um estado de luto pela perda do filho criança, o que, de certa forma, aponta para o próprio envelhecimento. Pais preparados e bem resolvidos podem auxiliar o filho nessa transição, funcionando, assim, como facilitadores (Pacheco, 2008, p. 11).

Os pais deveriam representar um “porto seguro” estando disponíveis através da presença, da escuta, incentivando o enfrentamento do novo e desconhecido, facilitando as gradativas conquistas. Porém, temos observado que os pais precisam compreender melhor esta fase de transição visando identificar o papel que devem desempenhar na relação com o adolescente para tentar auxiliá-lo melhor.

Os pais apresentam dificuldades em falar sobre sexualidade com seus filhos por não terem muito claro o que aconteceu com eles próprios (Brêtas & Silva, 2009). No convívio com o adolescente, os profissionais da saúde revivem o adolescente que foram, fazendo comparações e encontrando dificuldades em superá-las (Horta, Madeira & Armond, 2009). Muito embora, estes autores mencionem as dificuldades dos pais e dos profissionais da saúde, acreditamos que estas considerações também possam ser extendidas aos professores, bem como à maioria dos adultos, em abordar o tema sexualidade com adolescentes.

As crianças e os jovens têm sido considerados assexuados pois ainda hoje falar sobre sexo na sala de aula é considerado como estímulo à atividade sexual (Silva, Siqueira & Rocha, 2009). A ideia de que falar sobre sexualidade favorece o início das relações sexuais tem sido observada com frequência e ainda geram dúvidas e desconfianças por parte dos adultos de referência. Para Goldstein & Glejzer (2008), discutir as perguntas dos adolescentes não tem relação com indicar com quem, como, nem quando se deve manter relações sexuais, muito menos favorecer o início de maneira precoce, o momento de iniciar as relações sexuais tem que ser uma decisão de cada um, e esta decisão pode ser mais responsável e comprometida quanto mais educação sexual se recebe.

Pensamos que uma das alternativas para trabalhar o tema sexualidade na escola seja estabelecer uma parceria entre a escola, a família e os profissionais da saúde, pois a falta de maturidade em “administrar” o corpo desenvolvido e as transformações emocionais e sociais, parece que tem contribuído para a maior vulnerabilidade do adolescente, sendo indispensável a presença de um adulto maduro e acolhedor.

Pais que conseguem expressar limites claros e coerentes com atitudes que demonstrem que seus valores são compatíveis com seus atos tornam-se um exemplo de vida. Diante de um adulto estável, o jovem poderá opor-se, porém, sem perder a referência e, certamente, seus pais saberão o quanto devem e podem ceder às demandas do filho. Alguns pais necessitam de ajuda, pois não estão preparados para lidar com o filho adolescente (Pacheco, 2008, p. 15).

Os autores acima falam sobre o papel dos pais, mas acreditamos que a ideia sirva para outros adultos de referência, como professores e profissionais da saúde. Segundo Abdo (2004), para realizar o trabalho educacional/terapêutico na área da sexualidade é pré-requisito fundamental se despojar de qualquer tipo de preconceito. Para Goldstein & Glejzer (2008), é indiscutível que trabalhar com temas de educação sexual e prevenção é necessário criar um clima de respeito e confiança entre os participantes.

Os Ministérios da Saúde e da Educação lançaram oficialmente, em 2003 e sendo reformulado em 2005, o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), contando com o apoio da UNESCO – Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, da UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância e do UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas. O objetivo do SPE é a promoção da saúde sexual e reprodutiva, visando reduzir a vulnerabilidade de adolescentes e jovens às doenças sexualmente transmissíveis (DST), à infecção pelo HIV, à AIDS e à gravidez não planejada, através do desenvolvimento articulado de ações nos âmbitos das

escolas e das unidades básicas de saúde. O SPE conta com Grupo Gestor Federal (GGF), Grupo Gestor Estadual (GGE) e Grupo Gestor Municipal (GGM) (Brasil, 2006b).

O município de Uruguaiana/RS foi convidado em 2006 a participar do projeto SPE, época em que foi constituído o GGM que é composto pela Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação, 10ª Coordenadoria Regional de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/Campus Uruguaiana) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/Campus Uruguaiana), iniciando a implantação das suas ações em 2007.

Acreditamos que uma das possibilidades para trabalhar com os adultos de referência (professores, pais/responsáveis e profissionais da saúde) seja através de encontros para discussões e reflexões sobre o tema sexualidade, bem como, estabelecer o papel que cada um tem nesta parceria.

Este artigo apresenta uma experiência de elaboração e aplicação de uma cartilha sobre sexualidade que propomos como recurso didático para ser utilizado na escola. O objetivo da cartilha foi apresentar as principais questões sobre sexualidade visando possibilitar ou fortalecer a aproximação entre alunos e adultos de referência (professores, pais/responsáveis e profissionais da saúde).

Metodologia

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria com o CAAE: 0042.0.243.000-09.

A cartilha foi construída a partir de uma pesquisa com alunos e professores que participavam do projeto SPE nas escolas públicas no município.

A cartilha foi elaborada em forma de perguntas e respostas, apresentando as seguintes questões, conforme Tabela 1.

Após a elaboração da cartilha foi escolhida uma escola pública municipal que desenvolve o projeto SPE desde o início com o mesmo professor responsável (orientador educacional) e conta com a participação ativa dos pais.

A definição dos alunos, professores, pais/responsáveis, bem como, os dias e/os horários da avaliação da cartilha com cada grupo ficou a critério do professor de contato na escola, contemplando os dias e/ou horários mais convenientes para ambos (professor e grupos de avaliadores – alunos, professores, pais/responsáveis), tendo sido agendadas três datas distintas, uma para cada grupo de avaliadores.

Quanto aos alunos, ficou definido que a avaliação da cartilha seria com estudantes das 7ª e 8ª séries em função do trabalho desenvolvido pelo professor de contato com estas séries. Para avaliação foi escolhido um dia/horário de aula onde o professor selecionou alunos das 7ª e 8ª séries, de ambos os sexos, e a avaliação ocorreu na biblioteca da escola, espaço utilizado naquele horário apenas para avaliação da cartilha.

Quanto aos professores, foi escolhido um dia de reunião de professores onde todos que estavam presentes fizeram a avaliação da cartilha.

Quanto aos pais/responsáveis, foi escolhido um dia de reunião de pais onde foram convidados os pais/responsáveis de alunos das 7ª e 8ª séries em função do trabalho desenvolvido pelo professor de contato na escola com alunos das 7ª e 8ª séries, e um representante do Círculo de Pais e Mestres (CPM) da escola para participar da avaliação da cartilha, que ocorreu em outra sala da escola.

Tabela 1. – Questões apresentadas na cartilha (Sexualidade: é verdade ...? Dúvidas e curiosidades de adolescentes, pais e professores).

Questões – Cartilha	Questões - Cartilha
Por que é importante conversar sobre sexualidade? O que é sexo? O que é sexualidade? O que é gênero? O que é diversidade sexual? Quando o corpo muda? O que muda no corpo das meninas/meninos? O que é masturbação e orgasmo (gozar)? A masturbação diminui o tamanho do pênis? O que é ejaculação? É possível sair urina e sêmen ao mesmo tempo? Quando pode ocorrer a gravidez? Quando a menina deve consultar pela primeira vez um ginecologista? Quando a menina deixa de ser virgem sai sangue e dói? Existem vários tipos de hímen? O que é ovulação? O que é a menstruação?	O que causa a dor na menstruação (dismenorréia)? O que é TPM (Tensão Pré-Menstrual)? Qual a idade certa para começar a ter relações sexuais? O que é sexo oral, vaginal e anal? O que é a gravidez na adolescência? Como eu posso evitar as doenças e a gravidez na relação sexual? Posso engravidar na primeira vez (relação sexual)? Preciso usar camisinha em toda as relações sexuais? Métodos (preservativo masculino, pílula, injetável mensal) Quais as doenças que podem ser transmitidas pela relação sexual? (AIDS, Condiloma acuminado, Hepatite B e C, Sífilis, Herpes genital, Candidíase, Gonorréia, Tricomoníase) Como saber se estou com alguma destas doenças?

Os grupos foram constituídos, sempre que possível, com a participação proporcional de ambos os sexos (alunos/alunas, professores/professoras, pais/mães/responsáveis).

Antes da realização das avaliações foi feito um teste piloto com o professor de contato da escola para avaliarmos a compreensão do instrumento de avaliação da cartilha. A ficha de avaliação apresentava perguntas fechadas e abertas, conforme Tabela 2.

Tabela 2. – Perguntas abertas e fechadas apresentadas na ficha de avaliação da cartilha (Sexualidade: é verdade ...? Dúvidas e curiosidades de adolescentes, pais e professores).

Perguntas fechadas – Avaliação da cartilha	Perguntas abertas – Avaliação da cartilha
1) Grupo a que pertence (aluno 7 ^a /8 ^a série, professor, pais/responsável) 2) Sexo 3) Idade	4) A cartilha ajudou a esclarecer suas dúvidas? (Sim/Não, Por quê?) 5) Ficou faltando algum tema na cartilha? (Sim/Não, Qual/ais) 6) A linguagem (vocabulário) é acessível? Sim/Não, Por quê?) 7) Você gostou da cartilha (sequência dos assuntos, tamanho, capa, figuras, fotos, tamanho da letra)? (Sim/Não, Por quê?) 8) Você considera válido utilizar este tipo de material (cartilha) para desenvolver o tema (sexualidade) na escola? (Sim/Não, Por quê?) 9) Espaço para sugestões

Após a coleta dos dados foi realizada a decomposição das informações presentes nos questionários pela técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2004). A técnica constitui-se de três etapas, quais sejam: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

Resultados e Discussão

Foram aplicadas 29 (vinte e nove) fichas de avaliação no total, cujo perfil geral dos avaliadores foi o seguinte, conforme Tabela 3.

Tabela 3. – Perfil geral dos avaliadores da cartilha (Sexualidade: é verdade ...? Dúvidas e curiosidades de adolescentes, pais e professores).

Perfil	Frequência
Alunos 7 ^a e 8 ^a séries Professores Pais/responsáveis	Número: 15 7 7
	Sexo: Masculino – 8 Feminino – 21
	Faixa etária: de 12-14 anos – 8 de 15-24 anos – 1 de 25-34 anos – 1 de 35-44 anos – 6 de 45-54 anos – 5 de 55-64 anos – 1 de 65-74 anos – 1

Foi possível observar que o grupo contou com 15 (quinze) alunos e 14 (quatorze) adultos de referência, com 21 (vinte e um) sujeitos do sexo feminino, onde a maioria dos alunos estava entre 12-14 anos de idade e dos adultos de referência entre 35-54 anos de idade.

Nas questões de 1-5, as respostas que destacamos foram:

1) A cartilha ajudou a esclarecer suas dúvidas? (Sim/Não, Por quê?):

As principais respostas foram as seguintes:

“Porque trouxe muitas informações sobre sexualidade (aluna 8^a série)”; “Porque na cartilha dizia como ocorrem as doenças sexualmente transmissíveis (aluno 8^a série)”; “Porque está tudo explicado e com cartilhas é bem melhor de entender (aluna 8^a série)”; “Está colocado de maneira clara e direta (professora)”; “Porque é um material didático já com perguntas e respostas (professora)”; “Além dos textos serem bem escritos as imagens ajudaram a ilustrar melhor”; “[...] pois esclarece sobre todos os temas ligados ao assunto e que os jovens normalmente tem dúvidas e vergonha de perguntar (mãe)”; “Existe um ótimo esclarecimento sobre os assuntos que os adolescentes necessitam saber e os pais também (mãe)”.

Foi possível verificar que, conforme as respostas dos avaliadores, a cartilha ajudou a esclarecer dúvidas sobre a sexualidade e os riscos de adquirir doenças (DST) de uma maneira que

facilitou a compreensão, contribuindo também quando o adolescente sente-se constrangido em perguntar, bem como, possibilitando a aproximação entre pais e filhos, o que proporciona um acolhimento maior do tema sexualidade a partir dos esclarecimentos das dúvidas dos pais.

A veces los padres no se sienten preparados para hablar con sus hijos de estos temas; o les parece que no es suficiente aquello que pueden decir; o la inseguridad que acompañó la propia adolescencia ahora se pone nuevamente en el tapete y las dudas del hijo se vuelven propias. [...] para aclarar dudas o abordar temas que no le resultan fáciles puede proponer una búsqueda en fuentes confiables, ya sea el médico o un buen libro. Sin duda es un adecuado punto de partida (Escobar de Fernández, 2008, p. 87-88).

Muchas veces, sus hijos e hijas no saben con quién discutir los temas que les preocupan sobre distintos aspectos de su sexualidad y tienen dificultad para charlarlo con adultos; desean mantenerse anónimos, pero sí quieren y necesitan averiguar acerca de sus dudas (Goldstein & Glejzer, 2008, p. 5).

2) Ficou faltando algum tema na cartilha? (Sim/Não, Qual/ais):

As principais respostas foram as seguintes:

“Talvez colocar alguma coisa relacionado ao aborto, pois várias meninas com medo de conversarem com seus pais sobre a prevenção de doenças e gravidez acabam tendo relação sexual sem proteção e em consequência vem a gravidez indesejada na adolescência e o aborto muitas vezes é uma saída vista por elas. Portanto, vale ressaltar na cartilha o risco que é realizar esta prática, bem como trazer em quais situações este pode ser realizado (Avó)”.

Foi possível constatar que a sugestão foi inserir o tema aborto na cartilha, mas cabe destacar que a argumentação para a menina ter engravidado é o “medo” de conversar com os pais sobre o tema sexualidade (DST, gravidez) que também foi abordado na questão anterior.

Muchas veces los adultos se refieren al cuerpo como si estuviera separado en estructuras buenas o malas, lindas o feas, incluso algunas partes hasta son innombrables [...] , porque se supone que son «vulgares», «no se miran» , «no se tocan». Estas «denominaciones» llevan a desconocer el cuerpo, a tener vergüenza, miedo o a sentir culpa frente a sus cambios y a las sensaciones que se generan (Goldstein & Glejzer, 2008, p. 103).

Por falta de información las adolescentes no comprenden que el aborto no es una forma de regular ni controlar la concepción. [...] Es importante que los adultos puedan hablar estos temas con sus hijas en cuanto tengan su primera menstruación. También es esencial asistir a una consulta ginecológica que pueda ayudarlas a tener una sexualidad responsable, evitando embarazos no deseados (Goldstein & Glejzer, 2008, p. 108).

3) A linguagem (vocabulário) é acessível? (Sim/Não, Por quê?):

As principais respostas foram as seguintes:

“Porque essas linguagens 'dos jovens' são mais fáceis de entender (aluna 8ª série)”; “Pois a linguagem não é técnica, com exceção dos nomes das doenças (científicos) (professora)”.

Foi possível observar a aprovação da linguagem utilizada na cartilha sendo uma linguagem utilizada pelos jovens, sendo mais fácil de compreender por não ser excessivamente técnica.

Cabe destacar, que a linguagem “dos jovens” também faz parte de um elemento muito importante para o adolescente que é o grupo, pertencer a um grupo, o grupo “dos jovens”. Conforme Medeiros & Vitalle (2008, p. 23) “[...] é no grupo que o adolescente encontra a possibilidade de se reconhecer, tendo o outro como espelho, diferenciando-se então daquilo que não quer ser, a criança, e daquilo que ainda não é, o adulto”. Podemos complementar esta idéia com Escobar de Fernández (2008, p. 101):

El grupo de pares “presta” identidad hasta que se construya y elija finalmente la propia. Da una licencia de conducir provisoria hasta que se adquiera la definitiva. [...] el grupo de pares le ofrece al adolescente seguridad y reconocimiento, le da pertenencia a un ambito que comparte con otros que tienen las mismas dudas, pasan por los mismos cambios, sufren las mismas peleas y desengaños.

Está claro, que dejando a un lado miedos, tabués y todo tipo de prejuicios, hay que dar respuesta a las necesidades de nuestros alumnos y alumnas utilizando su próprio lenguaje, intentando conseguir actitudes y compromisos que les permitan vivir y disfrutar su propia sexualidad, detectando por nuestra parte errores, ofreciendo alternativas válidas y procurando generar un cambio hacia disposiciones y comportamientos más saludables (Muñoz, 2002, p. 454).

4) Você gostou da cartilha (sequência dos assuntos, tamanho, capa, figuras, fotos, tamanho da letra)? (Sim/Não, Por quê?):

As principais respostas foram as seguintes:

“Porque desse jeito consegui entender muito mais (aluna 7ª série)”; “Porque assim os alunos poderiam gostar mais de aprender sobre a sexualidade e se prevenir (aluna 8ª série)”; “Linguagem simples, fotos e o conteúdo não cansativo (mãe)”.

Foi possível verificar que a maneira como foi estruturada a cartilha foi aprovada e que pode ser utilizada como um recurso didático para abordar o tema sexualidade na escola. Conforme Méndez & Barrios (2002, p. 406), “Que los escolares pasan por distintas fases evolutivas, no es ningún descubrimiento, pero ello nos va a obligar a adoptar distintas tácticas y estrategias bien diferenciadas de enseñanza y aprendizaje”.

5) Você considera válido utilizar este tipo de material (cartilha) para desenvolver o tema (sexualidade) na escola? (Sim/Não, Por quê?):

As principais respostas foram as seguintes:

“Porque aborda todas as dúvidas dos adolescentes (aluno 8ª série)”; “Porque às vezes os alunos têm vergonha de falar sobre o assunto e se cada um tivesse (aluno 8ª série)”; “Porque essa cartilha mostra várias imagens bem interessantes que dá para entender melhor sobre as doenças [...] (aluna 8ª série)”; “Porque ajuda inclusive os pais conversarem melhor com seus filhos (mãe)”.

Foi possível constatar que a utilização da cartilha como recurso didático para desenvolver o tema sexualidade na escola foi aprovado em função de abordar as dúvidas dos adolescentes, que as fotos contribuem para esclarecer sobre as doenças, que auxilia o aluno que estiver constrangido em verbalizar as suas dúvidas e, destacaríamos, o comentário sobre ajudar os pais a conversarem melhor com seus filhos, contribuindo para esta aproximação.

La poca información que llega e obtiene en alguna charla de la escuela primaria sobre “aparato reproductor femenino y masculino”, no ya en la escuela secundaria en base a la buena voluntad y nivel de interes de ciertos profesores, generalmente preocupados por el avance del inicio sexual precoz y del embarazo adolescente (Escobar de Fernández, 2008, p. 80).

La participación de los padres y madres es fundamental como refuerzo de la formación que reciben los chicos y chicas y como punto de referencia continuo, ya que es el núcleo familiar donde se convive más tiempo y donde se deben exponer problemas y situaciones para que puedan ser valoradas, entendidas y aceptadas (Muñoz, 2002, p. 456).

Outro aspecto importante quando tratamos do tema sexualidade com adolescentes, é auxiliar os pais e os demais adultos de referência a estarem mais atentos e receptivos quando o assunto surge naturalmente por parte do adolescente, seja através de um comentário ou uma

observação, e proporcionarmos momentos para o diálogo, onde o adolescente pode sentir-se a vontade para falar da sua vivência. Conforme Escobar de Fernández (2008, p. 79) “[...] ayudará el poder hablar de los temas de su crecimiento, de las dudas, miedos o incertidumbres que pueda tener, ofreciéndose para charlar en el momento en que él lo desee, sin presiones de ningún tipo”.

No es de extrañar escuchar, aún hoy día, teorías en torno a que este tipo de información excita a los adolescentes y moviliza sus impulsos sexuales antes de tiempo. Nada más lejos de la realidad. La educación sexual sirve para evitar una cierta ansiedad perjudicial al proceso de aprendizaje (Muñoz, 2002, p. 454).

Muchas veces, los padres y madres piensan que si les brindan a sus hijos/as información acerca de los diferentes métodos anticonceptivos o de las relaciones sexuales, los estarán incitando a iniciarse sexualmente antes del tiempo, pues les cuesta ver lo útil que sería esse diálogo en la prevención de embarazos adolescentes no deseados o accidentales, para proteger sus cuerpos de las infecciones de transmisión sexual (ITS) y el SIDA, entre otras cosas (Goldstein & Glejzer, 2008, p. 6).

No espaço para sugestões:

As principais respostas foram as seguintes:

“O assunto deveria ser mais abordado em sala de aula (aluno 8ª série)”; “Que o trabalho de sexualidade tenha prioridade, porque os casos de falta de informações continuam acontecendo principalmente pela orientação de pessoas despreparadas (professora)”; “Reproduzir o material para uso nas escolas (professora)”; “Fazer uma cartilha sobre álcool, drogas e sexualidade, os limites e as consequências. E esse trabalho deveria ser feito também com os pais para eles terem mais abertura com seus filhos (mãe)”.

Foi possível observar nas sugestões a solicitação para desenvolver melhor o tema sexualidade na sala de aula, acolhendo mais o aluno, evitando deixá-lo desassistido com orientações de pessoas despreparadas, assim como, abordar os temas álcool e drogas relacionados à sexualidade, que acabam contribuindo para uma maior vulnerabilidade dos adolescentes ao HIV/AIDS, DST, gravidez indesejada. Destacá-riamos, mais uma vez, a importância de ser desenvolvido um trabalho com os pais visando maior esclarecimento e aproximação com seus filhos.

¿Cuál será, entonces, la sexualidad sana? Podríamos afirmar que será aquella que se presente con una actitud de respeto, sin imposiciones de sistemas de valores propios sobre los del otro y que se integre y respete todas las elecciones sexuales. [...] comportamiento sexual que no dane a otros, que vaya en contra de su voluntad, aquel que no se aproveche de situaciones de desvalimiento, desconocimiento o inconsciencia de quien participa. [...] conocer las consecuencias y riesgos de los actos, haciéndose responsables de cada uno de ellos (Escobar de Fernández, 2008, p. 34-35).

Conclusão

Constatamos que a cartilha teve boa aceitação como recurso didático para abordar o tema sexualidade, em função do reconhecimento da necessidade e da importância em se abordar este tema na escola com os professores e pais/responsáveis em função do mesmo permear a convivência com os alunos/filhos, bem como, a constatação da necessidade de recursos didáticos adequados para o desenvolvimento destas atividades.

O interesse demonstrado pelo material nos aponta para o grau de carência de informações seguras e relevantes, principalmente, por parte dos pais/responsáveis.

A partir da avaliação da cartilha sobre sexualidade, podemos concluir que este tipo de recurso didático contribui para o desenvolvimento desta temática, esclarecendo dúvidas, auxiliando na introdução e/ou no desenvolvimento de vários temas relacionados à sexualidade na escola, em

casa ou no posto de saúde, possibilitando uma maior aproximação e integração dos alunos com os adultos de referência.

Referências

- Abdo, C. H. N. (2004). *Descobrimto Sexual do Brasil: para curiosos e estudiosos*. São Paulo: Summus.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brasil. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (2006a). *Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2006b). *Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brêtas, J. R. S. & Silva, C. V. (2009). Orientação sexual para adolescentes. In A.L.V. Borges & E. Fujimori (Orgs.), *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica* (pp. 210-248). Barueri, SP: Manole.
- Escobar de Fernández, M. E. (2008). *Hablemos de sexo: Todas las preguntas, todas las respuestas*. Buenos Aires: Paidós.
- Goldstein, B. & Glejzer, C. (2008). *Sexualidad Padres e hijos: preguntas probables, respuestas posibles*. Buenos Aires: Albatros.
- Horta, N. C., Madeira, A. M. F. & Armond, C. C. (2009). Desafios na atenção à saúde do adolescente. In A. L. V. Borges & E. Fujimori (Orgs.), *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica* (pp. 119-141). Barueri, SP: Manole.
- Medeiros, E. H. G. R. & Vitalle, M. S. S. (2008). Peculiaridades da Consulta Médica do Adolescente. In M. S. S. Vitalle & E. H. G. R. Medeiros (Coords.), *Adolescência: uma abordagem ambulatorial* (pp. 19-33). Barueri, SP: Manole.
- Méndez, C. R. & Barrios, R. P. (2002). Prevención en drogodependencias. Elaboración de material didático. In M.I. SERRANO GONZÁLEZ (Coord.-Ed.), *La Educación para la Salud del Siglo XXI: Comunicación y Salud* (pp. 405-413). Madrid: Díaz de Santos.
- Muñoz, F.E. (2002). La educación sexual en la escuela. In M.I. SERRANO GONZÁLEZ (Coord.-Ed.), *La Educación para la Salud del Siglo XXI: Comunicación y Salud* (pp. 453-462). Madrid: Díaz de Santos.
- Pacheco, M. E. M. S. (2008). Caracterização do adolescente. In: M. S. S. Vitalle & E. H. G. R. Medeiros (Coords.), *Adolescência: uma abordagem ambulatorial* (pp. 9-16). Barueri, SP: Manole.
- Silva, I. O., Siqueira, V. H. F. & Rocha, G. W. F. (2009). Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* Acesso em 03 jan., 2011, http://www.saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen8/ART12_Vol8_N1.pdf

Recebido em: 05.04.11

Aceito em: 24.11.11